

Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos Mãos Unidas de Benfica: Uma História Oral sobre a Construção da Identidade e da Dignidade

ANDERSON EMANNUEL DO NASCIMENTO COSTA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

CLARICE VITÓRIA RODRIGUES SILVA DE LIMA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO - UFRJ

RAILAINY MARIA DA SILVA FELIX
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

JOSÉ RICARDO MAIA DE SIQUEIRA

Introdução

As temáticas socioambientais têm sido foco na busca de uma economia mais sustentável, incluindo alternativas mais eficientes para o tratamento do lixo e a reutilização de material, que deixa de poluir e realimenta as cadeias produtivas. Este estudo apresenta a importância social dos catadores de materiais recicláveis, através das narrativas de três associados à Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos Mãos Unidas de Benfica (COOTRAMUB), Rio de Janeiro, mostrando que as pessoas podem mudar a trajetória de suas vidas, fortalecendo suas identidades e dignidades, através do trabalho cooperado.

Problema de Pesquisa e Objetivo

A sociedade busca alternativas menos agressivas ao meio-ambiente. Nesse cenário houve um expressivo aumento da conscientização social da relevância e tempestividade. No âmbito micro ambiental tem-se buscado alternativas mais eficientes para o tratamento do lixo, oportunizando a reutilização de grande parte do material não orgânico, que deixa de poluir e realimenta as cadeias produtivas. O objetivo é apresentar a relevância do serviço desenvolvido pelas cooperativas de materiais recicláveis, através da técnica de história oral, na construção da identidade e da dignidade de seus cooperados.

Fundamentação Teórica

Na literatura Martins (2004), Magera (2005), Ribeiro e Besen (2007), Torres (2008), Jacobi e Besen (2011), Magni e Günther (2014) pontuam que o cooperativismo de reciclagem de materiais viabiliza mudanças nas vidas dos cooperados, como a identificação com o trabalho, sentimento de pertencimento e reconhecimento com o trabalho profissional de catador ou agente de limpeza, companheirismo, bem como uma percepção progressiva de dignidade e cidadania. Gonçalves (2006) e Medina (1998) acrescentam que os catadores ao recolocar na economia o material descartado pela sociedade transformam lixo em luxo.

Metodologia

Perazzo (2015) e Souza (2017) destacam que a história oral é um campo metodológico interdisciplinar fundamentado na interação humana, que compreende as narrativas dos sujeitos sociais, sendo relevante no campo da pesquisa qualitativa para o desenvolvimento de estudos sobre grupos sociais. Tais narrativas são relatos pessoais que cumprem a função de um veículo para o alcance daquilo que, de contrário, não seria possível. Os autores acrescentam que neste método, não se objetiva o alcance da verdade cabal, levando em consideração a subjetividade que se interpõe nas narrativas de cada indivíduo.

Análise dos Resultados

Eduardo Francisco Alves (2021) resume a estima de inúmeros catadores de materiais recicláveis pelo emprego na cooperativa dando identidade e dignidade. Marco Antônio Arlindo (2021), complementa que ser um cooperado representa a segurança de um futuro mais próspero e a autoestima recuperada pelo próprio trabalho lhe permite ser dono do próprio destino. A Célia Regina das Dores (2021) ressalta o sentimento de pertencimento ao grupo e o amor ao trabalho desempenhado e ainda acrescenta que fazer parte de uma cooperativa de catadores exprime um melhor futuro social.

Conclusão

O cooperativismo de material reciclável é relevante alternativa de trabalho para os excluídos dos melhores postos de trabalho. As narrativas dos três cooperados nos instigam a refletir sobre os aspectos envolvidos para a inserção social desses trabalhadores: ações do Estado, das organizações e dos cidadãos em geral, tais ações tem como uma premissa de sucesso a integração entre elas. Sendo a contabilidade uma ciência social, abordar temas de interesse da sociedade, divulgando responsabilidades dos atores sociais e seus efeitos em parcela da sociedade pouco assistida, faz parte de seu contexto.

Referências Bibliográficas

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. Estudos Avançados, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 135-158, 2011. MAGERA, M. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. Campinas: Átomo, 2005. SOUZA, R. A. D. C. Narrativas orais como fontes para uma compreensão histórica da experiência vivida. Revista Maracanan, Rio de Janeiro, n. 17, p. 118-129, jul./dez. 2017. VERONESE, M. V. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. Contemporânea – Revista de Sociologia da UFSCar. São Carlos, v. 6, n. 1, p. 213-236, 2016.

Palavras Chave

Reciclagem de Materiais, Cooperativa, História Oral

Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos Mãos Unidas de Benfica: Uma História Oral sobre a Construção da Identidade e da Dignidade

1 INTRODUÇÃO

A atenção as temáticas socioambientais vêm se intensificando desde o final do século vinte. Notícias sobre mudanças climáticas, poluição do ar, desmatamento florestal e outras questões associadas ao meio-ambiente, ocupam espaço de destaque nas mídias no mundo inteiro.

A sociedade tem buscado alternativas menos agressivas ao meio-ambiente, como energias renováveis, automóveis menos poluentes, logística reversa para materiais poluentes, fechamento de lixões a céu aberto, despoluição nos rios e lagoas, entre outras. No entanto é preciso mais, pois a Terra tem nos dado sinais de alerta.

Nesse cenário, sem dúvida, houve um expressivo aumento da conscientização social da relevância e tempestividade desses temas.

No âmbito micro ambiental tem-se buscado alternativas mais eficientes para o tratamento do lixo, oportunizando a reutilização de grande parte do material não orgânico, que deixa de poluir e realimenta as cadeias produtivas.

O presente trabalho, tem o objetivo de apresentar e reconhecer a relevância do serviço desenvolvido pelas cooperativas de materiais recicláveis, através da técnica de história oral, na construção da identidade e da dignidade de seus cooperados.

Leite, Silva e Lima (2020), ressaltam que a história oral, possibilita a aproximação com os sujeitos históricos e de suas práticas sociais, de modo a enfatizar o ser humano como protagonista da vida em sociedade, expressando suas expectativas, experiências, sonhos e contradições, isto é, a percepção social do indivíduo em determinado espaço e tempo.

A história social oportuniza, seja na prática social, seja na academia, o reconhecimento da diversidade, da pluralidade, do direito de agir na construção de projetos alternativos e, por fim, considerar que será produzida uma história que sempre será política, inserida no seu tempo e comprometida com ele, que visa, de alguma maneira, construir um futuro melhor (FENELON, 1993).

Fenelon (1993) acrescenta que a história social oral vem sendo utilizada para recuperar possibilidade de trabalhar com temáticas contemporâneas ou aproximar-se de grupos e movimentos sociais, onde a tônica de sua prática, em geral, envolve narrativas simples.

Este estudo estimula o leitor apreender a sua importância social, por meio de narrativas simples, mas cheias de consciência socioambiental. Ao mesmo tempo, em que possibilita amplificar as vozes de seus cooperados, aumentando suas autoestimas e reconhecimento de seus trabalhos.

De forma subjacente, esse trabalho também propõe mostrar à sociedade que iniciativas desse tipo são alternativas viáveis para inserção de mão de obra no mercado de trabalho, além de importante contribuição para uma economia mais sustentável. Assim, pelo exposto, trata-se de um estudo de história social oral.

As narrativas populares formam relevantes fontes de pesquisa tanto pelos seus objetos ligados ao patrimônio material, considerando seus usos, funcionalidades, ações sociais e econômicas, quanto à própria configuração do ambiente onde foi gerado (CHAGASTELLES, 2020). Assim, alinharam-se aqui as narrativas de três catadores de materiais recicláveis associados à Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos Mãos Unidas de Benfica (COOTRAMUB), do Município do Rio de Janeiro: Célia Regina das Dores (2021), Eduardo Francisco Alves (2021) e Marco Antônio Arlindo (2021).

2 TRABALHO DE CATADORES TRANSFORMANDO LIXO EM LUXO

Na sociedade, paulatinamente, o corpo, como instrumento de trabalho, tem sido substituído pela máquina, tornando-se o receptáculo de seus produtos. Quanto mais consome, mais preenche os ideais de uma sociedade capitalista. O homem vem consumindo grande quantidade de produtos, ultrapassando em muito a sua necessidade biológica. É a sociedade que consome e desperdiça. É a sociedade do corpo bem-vestido, bem alimentado, bem-educado e bem-medicado (VELLOSO, 2004).

Velloso ainda acrescenta, que na sociedade de contrastes, existe um culto ao consumo e seu paradoxo - enquanto uns consomem até produzir lixo em excesso, outros vivem do lixo. O que para uns é considerado lixo, para outros é objeto de valor ou luxo.

Segundo Carmo (2009), a cadeia de reciclagem engloba desde a coleta até a destinação final dos resíduos, sendo bastante complexa e envolve diversos atores: catador, coleta seletiva de lixo, cooperativa, sucateiro, atravessador e indústria, quando o material retorna ao ciclo de produção. Esses segmentos variam muito em número e características, conforme a cidade e tipo de material. Isso dificulta a importância e delimitação de tais atores na cadeia, pois a mercadoria pode passar por diversos desses segmentos, antes de chegar à indústria final.

Aquele material que fazia parte de determinado produto, que foi usado em um contexto social e econômico, a ser descartado tornou-se lixo, isto é, a princípio sem valor econômico e representando risco de poluição do meio ambiente. A partir da apropriação feita pelo catador desse material que irá ser trocado por dinheiro, recolocando-o novamente em um circuito econômico. Desta forma está formada uma cadeia do bem, onde todos se beneficiam (GONÇALVES, 2006).

Medina (1998) exemplifica a importância da reciclagem com o caso do alumínio, que embora seja um metal abundante no mundo, sua produção requer grandes quantidades de eletricidade, onde o seu custo (cerca de 60% do custo total) representa o componente mais significativo no custo total de produção de alumínio. Consequentemente, reciclar latas de alumínio consome 95% menos energia do que as produzir com material virgem.

Cada um dos atores citados na cadeia de reciclagem agrega valor, porém a distribuição de valores financeiros é injusta, normalmente, a parte mais significativa fica com a parte mais forte, sendo a parte mais frágil do processo o catador, a este cabe a remuneração mais baixa.

Para melhorar suas condições na cadeia de reciclagem, os catadores devem se auto-organizar em cooperativas ou associações, rompendo, desse modo, o ciclo de exploração do seu trabalho pelos demais atores.

Veronese (2016) salienta a importância da investigação sobre os saberes produzidos por grupos de pessoas consideradas “inferiores” na lógica hegemônica de hierarquização do conhecimento e do reconhecimento social, onde os catadores de material reciclável encontram-se inseridos. Atores invisíveis fruto de seus perfis: pobres, com pouca escolarização e pouca chance de ingresso no mercado formal de trabalho. Tal realidade precisa ser conhecida global e localmente, de modo que tal conhecimento possa contribuir para transformá-la.

Através da cooperativa, os catadores conseguem proceder a coleta de forma organizada, desenvolvendo parcerias seja com a empresa de coleta de lixo urbano que fazem coletas seletivas, seja pela coleta direta em prédios residenciais, comerciais ou industriais. Já as cooperativas terão acesso direto às indústrias compradoras, evitando os atravessadores, conseguindo assim preços mais justos por suas mercadorias (GALBIATI, 2012).

Juncá (2004) nos apresenta a estrutura básica de uma cooperativa de reciclagem, em geral, os resíduos frutos da coleta seletiva são trazidos pelos caminhões da prefeitura, no caso do Município do Rio de Janeiro, caminhões da Companhia Municipal de Limpeza Urbana (COMLURB), sendo depositados em grandes cestos (*bags*), tais *bags* são levados para o início da esteira, utilizada para a separação do material, onde ficam distribuídos os separadores ao

longo da esteira. Os materiais são separados por tipos e depositados em bombonas. Em seguida, as bombonas cheias são levadas para a prensagem, onde serão preparados os fardos que é a forma final de embalagem para venda, finalizando o processo com a pesagem de cada fardo.

As mulheres, em geral, fazem o trabalho de separação, cabendo aos homens os trabalhos de bomboneiros, prensagem, enfardamento e pesagem.

A Cooperativa dos Trabalhadores Autônomos Mãos Unidas de Benfica – COOTRAMUB, registrada sob o CNPJ 05.930.360/0001-06, estando localizada no Município do Rio de Janeiro, no bairro de Benfica, em uma rua tranquila com moradias e pequenas empresas. Inicialmente, a vizinhança reclamou da instalação da COOTRAMUB, por temerem que o manuseio de lixo trouxesse risco de infestação de ratos, moscas e mosquito, além de possível mal odor. Logo após o início da operação, os vizinhos viram que tais receios não se concretizaram e passaram a apoiar a operação, uma vez que anteriormente o imóvel estava abandonado. A estrutura operacional da COOTRAMUB segue o modelo descrito por Juncá (2004).

O presente trabalho objetivou investigar a relevância do serviço desenvolvido pela COOTRAMUB para seus cooperados, na construção de suas identidades e dignidades, a partir da narrativa de três de seus associados, Célia Regina das Dores (2021), Eduardo Francisco Alves (2021) e Marco Antônio Arlindo (2021), conforme detalhado na próxima parte.

3 AGRUPANDO CATADORES, COLETANDO SONHOS

No Brasil, a primeira estruturação de catadores de materiais recicláveis foi estabelecida em 1985, no Rio Grande do Sul, por meio da Associação de Carroceiros do município de Canoas, subsequentemente, em 1986, foi fundada a Associação de Catadores de Material de Porto Alegre (MARTINS, 2004). Ainda neste ano, foi formada a Organização dos Sofredores de Rua em São Paulo, e, em 1990, fundou-se a Associação de Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável (RIBEIRO; BESEN, 2007).

Essas iniciativas de agrupamento e estruturação dos catadores de materiais recicláveis foram apoiadas por grupos associados à Igreja Católica, conforme apontam Martins (2004) e Ribeiro e Besen (2007). Os autores discorrem que essas obras se concentravam sobre os moradores de rua que já coletavam materiais recicláveis como fonte de renda, mas estavam expostos à toda forma de marginalização, inclusive no que toca o Poder Público, conforme salientam Magni e Günther (2014).

Enquanto moradores de rua, os catadores individuais enfrentavam a carência do reconhecimento sobre o trabalho de coleta seletiva que realizavam, sofriam com a rejeição da população local e padeciam sobre as fortes represálias cometidas pelo Poder Público, através das várias ações da polícia para expulsá-los (MAGNI; GÜNTHER, 2014). Para Jacobi e Teixeira (1997, p. 6), tratava-se de uma política higienista, “sob o argumento da necessidade de manter uma ‘aparente limpeza’ das ruas da cidade e também, preservar ‘a segurança das pessoas’”, oriunda de uma incompreensão da origem da problemática social.

Diante disso, essas entidades vinculadas à Igreja Católica buscavam a estruturação dos catadores de materiais recicláveis com o objetivo de resgatar a dignidade, a autoestima e a convivência social desses moradores de rua (MARTINS, 2004; RIBEIRO; BESEN, 2007). A organização desses indivíduos, por meio da valorização do seu trabalho de coleta de materiais recicláveis, promoveria o resgate da cidadania daqueles que antes viviam destituídos de qualquer direito básico (GONÇALVES; OLIVEIRA; SILVA, 2008).

No entanto, entre os relatos coletados por Torres (2008) a respeito dos primeiros contatos entre as organizações vinculadas à Igreja Católica e os moradores de rua que coletavam materiais recicláveis, observa-se que o projeto de estruturação das cooperativas não foi executado sem resistência:

Naquela época a prefeitura não era parceira da gente. Era inimiga. Pois, sempre estavam seguindo a gente na rua, alegando que a gente estava sujando a rua. Aí, nós começamos a nos reunir. Mas foi difícil aceitar a Pastoral, porque a gente achava que a Pastoral estava ali para nos prejudicar, que eram os fiscais. Depois passamos a acreditar na Pastoral, elas tiveram muita paciência conosco. Elas começaram a nos ajudar, começaram a descobrir a gente. Perguntavam de onde nós viemos. Por que nós catamos papel? Aí, nós começamos a nos reunir debaixo das árvores, aqui na maloca. Aqui antigamente chamava maloca (p. 61-62).

Os duros anos de rejeição, marginalização e perseguição enraizou nesses moradores de rua medos e receios tão profundos que a proposta de saída das ruas por meio de um trabalho organizado e com uma fonte de renda digna parecia tão fantasiosa que só se justificaria como sendo uma armadilha. Contudo, como relata Torres (2008), esses indivíduos se sentiram motivados a dar uma chance e participar das cooperativas na medida em que se identificavam com o sonho do projeto: um trabalho regular, remunerado, respeitado e valorizado.

Magera (2005, p. 37), ao buscar identificar o perfil dos cooperados das cooperativas de catadores de materiais recicláveis, observou que, além dos moradores de rua, “a maioria deles ficou de um a dois anos desempregada, antes de entrar para a cooperativa de reciclagem”. Ademais, muitos dos cooperados trabalhavam informalmente, como construtores civis ou empregados domésticos. Diante dessas circunstâncias, as cooperativas emergem como uma possibilidade a um trabalho valorizado e à uma vida digna àqueles excluídos da sociedade ou do mercado formal de trabalho (MAGNI; GÜNTHER, 2014).

Carvalho (2008) pontua que a economia solidária e o cooperativismo são mecanismos de reinserir no sistema produtivo indivíduos que dele foram socialmente excluídos. Além dos ganhos econômicos e de estabilidade – que promovem melhores condições de vida, moradia, alimentação, higiene e saúde –, as cooperativas populares também viabilizam mudanças nas vidas dos indivíduos, como a identificação com o trabalho, sentimento de pertencimento e reconhecimento com o trabalho profissional de catador ou agente de limpeza pública, companheirismo, bem como uma percepção progressiva de autonomia e cidadania (CARVALHO, 2008; MAGNI; GÜNTHER, 2014; RIBEIRO; BESEN, 2007).

No contexto específico das cooperativas de catadores de materiais recicláveis, torna-se pertinente atentar-se ao ganho de melhores condições de trabalho aos catadores que se agrupam nessas organizações. A este respeito, Jacobi e Besen (2011) destacam que os catadores individuais estão sujeitos a condições precárias de saúde e segurança no desenvolvimento do trabalho de coleta de materiais recicláveis. São expostos a coletas em sacos plásticos sem equipamentos de proteção individual (EPIs) e usam carrinhos ou carroças para carregarem, em média 500 kg de materiais, conforme relatam os autores.

Embora a presunção seja de que as cooperativas forneçam condições ambientais benéficas e proteção individual aos catadores, Ribeiro e Besen (2007) relataram problemáticas nesse âmbito que ainda são uma realidade no cotidiano dos cooperados. Por meio do estudo de caso em cooperativas de catadores de materiais recicláveis nos municípios paulistas de Embu, Santo André e São Bernardo do Campo, os autores identificaram condições de trabalho precárias, que poderiam ser superadas com um maior suporte das entidades públicas municipais e, também, com a colaboração da população no processo de coleta seletiva.

Os autores identificaram galpões de triagem do material reciclável em más condições, sobretudo diante do clima brasileiro, presença de vetores e fortes odores em virtude da destinação indevida de altos percentuais de matéria orgânica para os galpões de triagem e falta de uso dos EPIs. Nesse contexto, Ribeiro e Besen (2007) constataram reclamações por parte dos cooperados sobre desconforto térmico nos galpões, fortes dores nas costas ocasionadas por

equipamentos não ergonômicos e acidentes de trabalho com a perfuração por vidros ou agulhas de seringas.

A despeito dos problemas e desafios que as cooperativas de catadores de materiais recicláveis ainda enfrentam no Brasil, os estudos de caso de Ribeiro e Besen (2007) também verificaram alguns benefícios aos cooperados. As cooperativas do estudo ofereciam, além da remuneração básica, cestas básicas, férias remuneradas, convênio com farmácias para descontos em medicamentos, licença remunerada em caso de doença. Contudo, os autores classificam como poucos os benefícios que são cedidos aos catadores das cooperativas. Apesar dessa ponderação, torna-se indiscutível que são prerrogativas positivas para a melhoria de vida e que os catadores individuais não dispõem.

4 COLETANDO NARRATIVAS

4.1 Interação entre entrevistador e cooperados

As entrevistas aconteceram em uma quarta-feira à tarde do dia 8/10/2021a tarde, no galpão da cooperativa, onde o entrevistador encontrou os entrevistados. Vale salientar que os contatos até então foram feitos por telefone, sendo este o primeiro contato pessoal.

Antes de cada entrevista foi mantida uma conversa com cada entrevistado por cerca de 15 minutos, de modo a agradecer a disponibilidade do entrevistado e trocado considerações de amenidades para favorecer uma entrevista informal, criando uma empatia entre o entrevistador e o entrevistado. Cada entrevista teve apenas o registro de áudio, sem imagens. Foram feitas entrevistas semiestruturadas, tendo sido abordados os mesmos assuntos com os 3 entrevistados, que tiveram plena liberdade de resposta, inclusive de tempo de fala.

A primeira entrevista foi feita com a Célia Regina das Dores (2021), que se mostrou descontraída, contribuindo com a pesquisa com rico conteúdo, sobre a importância do cooperativismo de reciclagem para a sociedade.

A segunda entrevista foi feita com o Eduardo Francisco Alves (2021), que, inicialmente, estava tímido, mas foi ficando mais à vontade ao longo da entrevista, conseguindo expressar o olhar de quem efetivamente trabalha como catador.

A última entrevista foi feita com o Marco Antônio Arlindo (2021), que possui um perfil mais tímido, sendo de poucas palavras, porém foi possível registrar importantes relatos, mesmo que de forma concisa.

Após as três entrevistas, a Célia Regina das Dores (2021) fez uma visita guiada com o entrevistador, mostrando as instalações operacionais da cooperativa, onde foi possível uma melhor compreensão dos processos operacionais ali desenvolvidos.

4.2 Relevância da história oral

A história oral é um campo metodológico interdisciplinar fundamentado na interação humana, que, por sua vez, compreende as narrativas dos sujeitos sociais (PERAZZO, 2015). Tais narrativas são relatos pessoais que cumprem a função de um veículo relevante para o alcance daquilo que, de contrário, não seria possível, posto que o objeto não se encontra no tempo imediato (SOUZA, 2017).

À vista disso, essa metodologia é um relevante instrumento para a evidência e apreciação de como os indivíduos percebem o seu passado, relacionam as suas próprias experiências ao seu contexto social e as interpretam a partir do momento presente (FIALHO *et al.*, 2020). Em suma, como aponta Perazzo (2015), a história oral é uma importante ferramenta, no campo da pesquisa qualitativa, para o desenvolvimento de estudos sobre grupos sociais.

Nesse contexto, observa-se que cada indivíduo, ao narrar a sua trajetória de vida, se torna o autor e o sujeito da própria história, dando sentido ao seu lugar no mundo e construindo a sua realidade histórica (PERAZZO, 2015; SOUZA, 2017). Contudo, Perazzo (2015) salienta que é preciso entender que a construção dessas narrativas é empreendida a partir da compreensão de mundo de cada sujeito e, também, estão em consonância com a percepção do sujeito sobre si mesmo. Portanto, neste método, não se objetiva o alcance da verdade cabal, levando em consideração a subjetividade que se interpõe nas narrativas de cada indivíduo.

No entanto, essa idiossincrasia não posiciona a história oral como menos verdadeira do que as histórias oficiais (PERAZZO, 2015). Ao contrário disso, essa metodologia oportuniza a evidenciação da voz dos indivíduos que, apesar de terem vivenciado determinados eventos históricos, foram expurgados da historiografia oficial (FIALHO, 2012). Assim, a história oral é relevante por sobrelevar os sujeitos sociais que, até então, ocuparam espaços marginalizados nos registros oficiais e, também, por ampliar as fronteiras da compreensão de um evento que foram demarcadas pela versão oficial (FIALHO *et al.*, 2020).

Embora a história oral não seja generalizável, esta configura-se como significativa para captar e preservar as histórias e memórias dos catadores de materiais recicláveis da Cooperativa COOTRAMUB. Isso porque oportuniza-se aqui elucidar as interpretações que esses cooperados constroem sobre si, desobscurecendo o universo de significados e perspectivas das experiências pessoais e vivências em grupo.

5 O GRUPO DE CATADORES E SUA RELAÇÃO COM A COOPERATIVA

Eu trabalhava em obra de biscate. Um dia sim, um dia não. Mas graças a Deus que eu fui destinado a vir para a cooperativa.
(Eduardo Francisco Alves, 2021).

Diferentemente dos catadores representados na literatura de Martins (2004), Ribeiro e Besen (2007), Gonçalves, Oliveira e Silva (2008), Torres (2008) e Magni e Günther (2014) que, em sua maioria, eram moradores de rua, o grupo de entrevistados da COOTRAMUB, embora bastante heterogêneo, era composto por pessoas que gozavam de profissão, algum tipo de renda, endereço fixo e convívio familiar.

O Marco Antônio Arlindo (2021), de 42 anos, já era catador individual de materiais recicláveis antes de se tornar um cooperado. Nessa circunstância, Marco Antônio Arlindo (2021) estava exposto a dificuldades minoradas pelas cooperativas de catadores, como condições precárias de saúde e segurança do trabalho, bem como instabilidade financeira, conforme discorrem Jacobi e Besen (2011).

Nesse sentido, Marco Antônio Arlindo (2021) discorre que a cooperativa não somente suprimiu a instabilidade financeira a qual ele estava exposto enquanto catador individual, como, também, permitiu um aumento de sua renda. O cooperado descreve esse cenário como uma cooperação mútua, referenciando uma das essências desse modelo de organização: “[...] eu ajudo a cooperativa e a cooperativa [está] me ajudando”.

Assim como para muitos outros catadores individuais de materiais recicláveis, se tornar um membro das cooperativas de catadores pode ser sinônimo de conquistas de sonhos e de mudanças significativas de vida. Marco Antônio Arlindo (2021) compartilha uma de suas conquistas que alcançou após se tornar um cooperado da COOTRAMUB, onde trabalha há 10 anos:

Agradeço muito a cooperativa. Hoje eu levantei até a minha casa, entendeu, [através da] cooperativa. [...] antes eu catava na rua, estava ruim pra mim, então depois, quando eu entrei na cooperativa, minha vida mudou muito, [está] bem melhor e ajudou muito mais a minha família (Marco Antônio Arlindo, 2021).

Antes de fazer parte do grupo COOTRAMUB, onde desempenha a função de prensista, Marco Antônio Arlindo (2021) também foi cooperado da Guardiã do Rio. A migração de uma cooperativa para outra acompanhou uma das fundadoras da COOTRAMUB, Dona Denaide – a quem todos se referem carinhosamente como Tia Pretinha. Marco Antônio Arlindo (2021) relata com orgulho o crescimento que essa mudança proporcionou, em termos de espaço físico, quantidade material coletado e número de catadores.

Um desses novos catadores foi Eduardo Francisco Alves (2021), que ingressou na cooperativa a partir de um convite da Tia Pretinha e, atualmente, é responsável pela arrumação do salão. Anteriormente, ao contrário de Marco Antônio Arlindo (2021), não atuava como catador de material reciclável, mas sim na construção civil. Eduardo Francisco Alves (2021) não dispunha de regularidade laboral, os trabalhos apareciam eventualmente e, conseqüentemente, ele também não tinha estabilidade financeira.

Essa conjuntura de trabalho informal na vida pregressa dos cooperados de cooperativas de materiais recicláveis foi relatada por Magera (2005). O autor identificou que, assim como Eduardo Francisco Alves (2021), muitos catadores de materiais recicláveis passaram por um contexto de trabalhos informais como construtores civis ou empregados domésticos, assim como sofreram com períodos de desemprego.

Diante disso, observa-se que, para as pessoas excluídas do mercado formal de trabalho, as cooperativas de catadores de materiais recicláveis manifestam-se como, para além da obtenção de renda, a segurança de um emprego digno para os cidadãos que, diariamente, buscam sustentar a si e a sua família por meio do próprio trabalho. Eduardo Francisco Alves (2021), expressa um ganho de segurança e autoestima ao se tornar um cooperado da COOTRAMUB e compara a sua vida anterior à cooperativa e a atual:

Mudou. Mudou. Mudou. Não tem aquela preocupação de ‘hoje tem, amanhã não tem’, entendeu? Eu tenho trabalho todo dia. E a ajuda também, né?! Aqui é um ajudando o outro (Eduardo Francisco Alves, 2021).

Eduardo Francisco Alves (2021) e Marco Antônio Arlindo (2021) compartilham o sentimento de inúmeros outros catadores de materiais recicláveis que fazem parte das cooperativas, inclusive daqueles que, antes, eram moradores de rua: segurança. Por meio da COOTRAMUB, esses dois indivíduos alcançaram a segurança de um emprego digno, de uma renda fixa, a segurança do pertencimento a um grupo, de ter uma rede de apoio e de que, por meio do trabalho, os seus sonhos podem ser conquistados.

Não obstante, uma cooperada da COOTRAMUB, em particular, apresenta uma história de vida e de relacionamento com a cooperativa que se diverge tanto das trajetórias de Eduardo Francisco Alves (2021) e Marco Antônio Arlindo (2021), quanto dos catadores de materiais recicláveis retratados pelos registros de Martins (2004), Magera (2005), Ribeiro e Besen (2007), Gonçalves, Oliveira e Silva (2008), Torres (2008) e Magni e Günther (2014). Trata-se da Célia Regina das Dores (2021), de 65 anos, que tinha como profissão a docência, atuando na rede pública de ensino.

Talvez seja pertinente ponderar que a mesma força motriz que a levou à docência também tenha guiado seus passos à cooperativa de catadores de materiais recicláveis: o amor por ajudar o próximo. A Célia Regina das Dores (2021) relata que, enquanto trabalhava como professora, coadjuvava o processo de fundação da COOTRAMUB, em conjunto com a Tia Pretinha:

[...] a minha profissão é professora. Aí, por causa de problemas de saúde, eu pedi demissão voluntária da prefeitura, da secretaria de educação. Aí passei a ser artesã. Aí, nisso, sendo artesã dentro da comunidade onde eu morava, [...] juntamos um grupo de pessoas, como a Tia Pretinha, né?! E ficamos pensando como ajudar as pessoas.

Isso foi na década de 90, né?! [...] ‘como vamos ajudar essas pessoas carentes?’. Aí resolvemos fazer a cooperativa (Célia Regina das Dores, 2021).

Seja por meio da educação formal, ou pela atuação ambiental, Célia Regina das Dores (2021) ajudou muitos indivíduos a escreverem o seu próprio destino. Mas ela explica que, primeiramente, o seu papel na COOTRAMUB foi apenas o de fundação. Somente, mais tarde, quando já não atuava mais como professora é que se tornou uma das cooperadas:

[...] ajudei a fundar, só que eu ainda não era, eu ainda lecionava na época, né?! Aí, depois, quando eu pedi demissão voluntária, fiquei fazendo meus artesanatos, até que um dia o filho dela, o Márcio, chegou para mim e falou: ‘Tia Célia, você pode ajudar a minha mãe? Porque ela tá, ela só chega às dez, onze horas da noite, ela tá direta naquela cooperativa, ajuda a minha mãe lá’. Eu falei: ‘Bem, como eu estou parada, eu vou lá ver’. Chegando aqui, estacionei. Isso há mais de 10 anos, e com a Preta, né?! (Célia Regina das Dores, 2021).

A falta de conhecimento sobre os materiais recicláveis com os quais trabalharia na cooperativa não minou a sua vontade de participar. Pelo contrário, a professora se propôs a se tornar aluna novamente e aprender um novo ofício. No entanto, não demorou muito para retornar à posição de mestre:

[...] quando eu vim para cá, não conhecia nenhum material, mas com a prática, né?! Porque teoria [é] muito bom da gente falar, mas na prática é que a gente aprende. E aprendi [tanto] que, com o tempo, nós aqui tivemos alguns cursos e maioria dos cursos quando nós vamos eles diziam: ‘Ué, para que vocês estão aqui no curso? Se vocês praticamente estão dando aula pra gente?!’ (Célia Regina das Dores, 2021).

De modo antagônico ao descrito por Eduardo Francisco Alves (2021) e Marco Antônio Arlindo (2021), Célia Regina das Dores (2021) expõe que a conjuntura financeira proporcionada pela cooperativa, quando comparada à sua profissão anterior, não é um fator expressivo. Contudo, apesar do decréscimo na renda, ela relata com suavidade que adequou o seu padrão de vida e permanece na COOTRAMUB sem passar por apuros financeiros. Em vista disso, novamente, vale destacar a paixão singular da Célia Regina das Dores (2021) por fazer parte desse grupo de catadores, evidenciando que, para além do emprego e renda, há outros motivos para se tornar uma cooperada. Quando indagada sobre algum arrependimento em fazer parte da COOTRAMUB, ela não hesita:

Não tenho nenhum, nenhum, nenhum. Porque eu adoro o meu trabalho, independente da vida financeira. Porque, quando a gente faz o que gosta, não pensa em finanças. Nós temos que adequar o nosso momento, que as nossas vidas tem altos e baixos, tá?! (Célia Regina das Dores, 2021).

A historiografia das cooperativas de catadores de materiais recicláveis tem evidenciado que, por meio do trabalho digno realizado nelas, as pessoas podem mudar a trajetória de suas vidas. As histórias de Marco Antônio Arlindo (2021) e Eduardo Francisco Alves (2021) expõem que, como cooperados, puderam ir além de sonhar com uma vida melhor e viver a realização desses sonhos. A história contada por Célia Regina das Dores (2021), por sua vez, nos traz a visão de quem sonha com um mundo onde tantos outros catadores possam realizar o sonho de uma vida melhor.

6 AS PERCEPÇÕES DOS CATADORES SOBRE OS OLHARES DA SOCIEDADE

Porque se a sociedade nos valorizar, pelo menos nosso âmagô fica mais feliz, dá mais força para a gente, do que nos desanimar, entendeu?! (Célia Regina das Dores, 2021).

Martins (2004) e Ribeiro e Besen (2007) discorrem que as primeiras cooperativas focaram nos moradores de rua que já atuavam como catadores de materiais recicláveis para obtenção de renda. A organização dessas pessoas em um grupo de cooperados objetivava resgatar a dignidade e a autoestima de indivíduos marginalizados pela sociedade e alvos de uma política pública higienista (MARTINS, 2004; RIBEIRO; BESEN, 2007; JACOBI; TEIXEIRA, 1997). Assim, esperava-se que as cooperativas de catadores desenvolvessem um senso social de valorização do trabalho da coleta de materiais recicláveis.

A este respeito, Célia Regina das Dores (2021) expõe um cenário que varia entre apoio e descortesia entre a população local nos ambientes onde circula para realizar a coleta de materiais recicláveis:

A maioria das pessoas quando nós vamos para a rua recolher, a maioria das pessoas olha a gente, assim, com desdém, entendeu? Eu chego, cumprimento, os outros passam e eu ‘Bom dia! Tem material reciclável?’, coisa e tal. Muitos não me dão bom dia. Outros passam, outros nem dão atenção. Porém isso é da vida, né?! E muitos já ligam pra gente ‘olha, vocês aí são da reciclagem?’, como uma vitória que eu tive agora, aqui perto mesmo, aqui na Vila, me deu uma brecha, eu exponho a cooperativa (Célia Regina das Dores, 2021).

Célia Regina das Dores (2021) complementa expondo a importante participação popular no seu trabalho:

Dona Maria é uma que separa sempre o material pra mim e me dá [...] Aí liguei pra essa Dona Maria e falei para ela, ela falou: ‘Pode deixar que eu vou botar no grupo’. Isso foi na terça-feira, na terça-feira mesmo ela me deu resposta: ‘Todo mundo aqui da vila aceitou, Célia. Só que você não vem nem nas terças e quintas, porque o caminhão da coleta vem, às vezes sete horas da manhã [...] segunda e sexta você vem aqui, que nós vamos deixar já separados os materiais na porta. Você vem e pega’. Pra mim isso foi uma vitória! (Célia Regina das Dores, 2021).

Os cidadãos da comunidade local a ajudam entregando materiais recicláveis já separados. Essa ação solidária impede que matéria orgânica vá para o galpão da cooperativa, o que ocasionaria a presença de vetores e odores fortes, como os relatados pelos catadores de materiais recicláveis no estudo de Ribeiro e Besen (2007). Além de aumentar a produtividade da COOTRAMUB, com o aumento de material reciclável coletado. No entanto, a Célia Regina das Dores (2021) relata que o simples fato de uma sociedade consciente no que concerne à função dos catadores de materiais recicláveis pode impactar positivamente o trabalho.

Eduardo Francisco Alves (2021), por sua vez, expõe um quadro de desprezo da sociedade pelo seu trabalho como catador de materiais recicláveis: “Eles acham que é porcaria, né? Aqueles que não entendem o que a gente faz, acham que é porcaria, né? Meter a mão no lixo” (Eduardo Francisco Alves, 2021). No entanto, o cooperado tem consciência da importância do trabalho que desempenha: “Mas a gente sabe que a gente tá ajudando até o próximo, a eles mesmo”.

A profissão progressa de Célia Regina das Dores (2021) ocasiona certo estranhamento entre amigos e familiares em relação ao seu trabalho na cooperativa. Ela narra os incansáveis pedidos para que ela abandone a família COOTRAMUB e abra a própria escolinha. Porém, ela se mantém firme no emprego que escolheu por amor:

Até hoje eles ficam: ‘Poxa, Tia Célia, por que a senhora não abre a sua escolinha?’ [...] ‘Mas lá na reciclagem a senhora...’. O trabalho é uma coisa que eu peguei amor, eu gostei do trabalho, porque isso aqui, conforme a gente entra, tendo vontade, a gente se apaixona [...] (Célia Regina das Dores, 2021).

Os cooperados da COOTRAMUB demonstram que, a despeito da carência de reconhecimento externo do trabalho dos catadores de materiais recicláveis, eles possuem um profundo senso de valorização do importante trabalho que desempenham. No entanto, a ausência de amparo público assola a COOTRAMUB:

Primeiramente de tudo é a conscientização, principalmente do poder público, tanto da sociedade, como do poder público. [Porque] o poder público só fala em teorias, fazem vários projetos, mas pra gente nunca chega nada. É raro nossas prensas aqui, nós estamos com elas desde 2005. Quebra, a gente dá um jeito para consertar. A gente pede coisa, mas é difícil ter, ainda mais que é cara, prensa. (Célia Regina das Dores, 2021).

A renovação do maquinário também é uma queixa do Marco Antônio Arlindo (2021):

É tipo assim, a gente na cooperativa sempre precisa de alguma coisa mesmo, né. Que você está vendo aqui, uma esteira pra gente, entendeu?! Mais materiais para a gente, entendeu?! [Porque] sem materiais a gente aqui não é ninguém. Então a gente é dependente do material para a gente receber, entendeu?! (Marco Antônio Arlindo, 2021).

Eduardo Francisco Alves (2021), por sua vez, observa o descaso público em relação aos catadores de materiais recicláveis em um nível ainda mais básico: a alfabetização.

Vê se bota uma escola, porque, às vezes, tem em outras cooperativas que tem gente que não sabe nem ler, nem escrever, entendeu?! É isso que eu achava do governo (Eduardo Francisco Alves (2021).

Ribeiro e Besen (2007) se depararam com as mesmas queixas nas cooperativas de catadores de materiais recicláveis dos municípios paulistas de Embu, Santo André e São Bernardo do Campo. Observa-se, portanto, que a exiguidade de assistência governamental para essas organizações ultrapassa divisas estaduais no Brasil.

Como consequência disso, conforme relatado pelos autores, os catadores de materiais recicláveis, ainda que agrupados, continuam sujeitos a condições ambientais precárias na consecução das suas atividades. Essa conjuntura, por sua vez, pode culminar em doenças ocupacionais, conforme descrito por Ribeiro e Besen (2007), mas que poderiam ser suplantadas com o apoio público regular.

Além da assistência pública, Marco Antônio Arlindo (2021) também chama a atenção para uma problemática enfrentada pelas cooperativas que pode ser suplantada com a conscientização governamental e social: a carência de materiais recicláveis. Ainda há a necessidade do enraizamento de uma cultura de separação domiciliar de resíduos recicláveis e não recicláveis entre as famílias brasileiras.

Todavia, cabe destacar que, enquanto as entidades públicas não definirem políticas públicas que estimulem a coleta seletiva, os catadores de materiais recicláveis continuam concorrendo com o sistema de coleta pública. Até que essas medidas sejam elaboradas e implantadas, a COOTRAMUB continua contando com os cidadãos conscientes, como a Dona Maria, que já estão contribuindo com a separação domiciliar dos materiais recicláveis.

7 PERSPECTIVA DE UM FUTURO LONGE DA COOPERATIVA?

Levanto muito a mão pro céu pela cooperativa. E [que] sempre continue assim: eu ajudo a cooperativa e a cooperativa me ajudando (Marco Antônio Arlindo, 2021).

Quando indagados sobre a possibilidade de deixar a COOTRAMUB, os três cooperados são unânimes em suas respostas: não! Nota-se não somente a gratidão pelas conquistas alcançadas por meio do trabalho na cooperativa entre os catadores de materiais recicláveis, mas também a percepção clara de que o seu futuro profissional está vinculado ao seu trabalho como cooperado.

Pra mim, eu prefiro a cooperativa. Porque é tipo assim, eu tenho mais de dez anos na cooperativa, entendeu?! Então, não tenho nada pra falar mal da cooperativa, entendeu?! É um lugar que me ajudou, entendeu?! Se eu estivesse lá fora, realmente, hoje em dia, não tava ganhando como [o] que eu ganho hoje. [Eu ganho] muito bem na cooperativa, entendeu?! (Marco Antônio Arlindo, 2021).

Como catadores individuais ou alheios ao mercado formal de trabalho, os indivíduos poderiam perceber a atuação como catadores de materiais recicláveis como um suporte temporário até que algo definitivo surgisse. No entanto, a organização dos catadores em uma cooperativa lhes proporciona esse senso de emprego definitivo. Esse sentimento surge a partir da atribuição de funções, segurança financeira e a autoestima de ter uma profissão reconhecida na Classificação Brasileira de Ocupações (CBO).

O Eduardo Francisco Alves (2021), resume a estima de inúmeros catadores de materiais recicláveis pelo emprego na cooperativa: “A gente aqui pede a Deus que esse trabalho nunca acabe, né?!”. A Célia Regina das Dores (2021) demonstra que, para além da conjuntura financeira que a organização proporciona, o sentimento de pertencimento ao grupo e o amor ao trabalho que desempenha na COOTRAMUB a impediria de dar qualquer passo na direção oposta à cooperativa:

Olha, eu sempre digo assim [nas] vezes que eu tô aqui aborrecida: ‘Eu vou largar isso tudo, coisa e tal’. Aí as meninas dizem assim: ‘Tia Célia, a senhora não consegue, que a senhora nem passando mal a senhora não quer ir pra casa, a senhora fica aqui’. Aí eu acho meio difícil pensar em deixar, como eu já falei, eu gosto daqui, já entrou no meu sangue esse trabalho. Independente de dinheiro, de coisas, eu penso no futuro dos meus netos. Eu penso que, eu sei que uma andorinha só não faz verão, mas a gente aos poucos vamos minando a mentalidade das outras pessoas. E eu sei que tô fazendo um bem pro futuro. Não pra mim. Pro presente já não tá dando, mas para o futuro. Eu quero que o futuro dos meus netos seja melhor do que o meu presente (Célia Regina das Dores, 2021).

Assim como para a Célia Regina das Dores (2021), fazer parte de uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis exprime o futuro. Para as pessoas que vivenciavam a incerteza cotidiana do mercado informal de trabalho, como o Eduardo Francisco Alves (2021), ou estavam sujeitas aos riscos ambientais e de saúde como catadores individuais de materiais recicláveis, como o Marco Antônio Arlindo (2021), se tornar um cooperado pode representar a segurança de um futuro mais próspero, com a realização do sonho da casa própria, com a garantia de alimento para a família e a autoestima recuperada por meio da percepção de que o próprio trabalho lhes permitem serem os donos dos próprios destinos.

8 DISCUSSÃO FINAL

Veronese (2016) nos mostra que o cooperativismo popular para catação e reciclagem de lixo urbano representa uma boa alternativa de trabalho para os excluídos dos melhores postos de trabalho nas cidades. As narrativas apresentadas corroboram tal fato.

No entanto, é preciso investigar como esse formato se insere, hoje, na perspectiva da economia solidária e das lutas por reconhecimento dos atores sociais com elas envolvidos. Pensar a economia social e solidária em termos comparativos globais guarda, no fundo, uma intenção ético-política: pensar sua “descolonização” (VERONESE, 2016).

As narrativas dos três cooperados nos instigam a refletir sobre alguns aspectos que poderão contribuir para a inserção social plena desse grupo de trabalhadores: ações do Estado, ações das instituições empresariais e ações dos cidadãos em geral, tais ações tem como uma premissa de sucesso a integração entre elas.

Ao pensar nas ações do Estado, é possível dividir em: ações de saúde e educação, ações para reconhecimento da classe trabalhadora pela sociedade e fomentar a participação da sociedade como um todo para ampliar o volume de material reciclado.

Nas ações de saúde Behs (2014) chama a atenção para a temática “educação para saúde”, apoiada pelo conceito amplo da Organização Mundial de Saúde (OMS), no qual a saúde é considerada um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não, apenas a ausência da doença ou enfermidade. Sendo assim, fica evidenciada a importância psicossocial para esses trabalhadores, prevendo a educação para uso de equipamentos de proteção, apoio para superação de uso de álcool e drogas, facilitação ao acesso dos serviços do Sistema Único de Saúde (SUS), acesso à educação básica para adultos, rotina de combate a pragas nos galpões.

Para reconhecimento da classe trabalhadora pela sociedade, o Município do Rio de Janeiro tem uma história de muito sucesso feita com a imagem dos trabalhadores da Comlurb, os garis responsáveis pela limpeza e coleta do lixo urbano, onde a prefeitura desenvolveu um programa educacional, envolvendo toda a sociedade que é mantido até hoje. Como possível alternativa, a prefeitura poderia inserir os trabalhadores de reciclagem nesse mesmo programa, de modo que a sociedade carioca passasse a ter a percepção de que se trata de serviços complementares e de grande relevância social.

Para fomentar a participação da sociedade na ampliação do volume de material reciclado, a prefeitura deveria desenvolver um programa específico, atrelado ao programa da Comlurb, tomando como base programas existentes em outros países que se encontram mais avançados nesse quesito. Aqui vale acrescentar a necessidade de apoio financeiro às cooperativas, que precisam ter garantido o acesso a equipamentos adequados para seus parques operacionais, que devem ter a meta de serem ambientes limpos, o que, em geral, não ocorre ainda.

As ações das instituições empresariais, estariam inseridas nos programas do Estado, seja pela destinação adequada de seus resíduos para a coleta seletiva, seja pela aquisição direta do material reciclado das cooperativas a preços justos.

Com a implantação das ações até aqui citadas, os cidadãos em geral já estariam envolvidos, fechando uma cadeia do bem, onde todos se beneficiam.

Finalizando, sendo a contabilidade uma ciência social, abordar temas de interesse da sociedade, em especial, a sociedade do Município do Rio de Janeiro, divulgando responsabilidades dos atores sociais e seus efeitos em parcela da sociedade pouco assistida, faz parte de seu contexto.

Dessa forma espera-se que tal estudo não fique limitado a área acadêmica, mas possa ser acessado por outros stakeholders, podendo assim, contribuir em suas tomadas de decisões.

REFERÊNCIAS

BEHS, I. M. **(Des) conexões na educação para a saúde integral: um estudo de caso com catadores de uma cooperativa**. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 154f, 2014.

CARMO, S. A semântica do lixo e o desenvolvimento socioeconômico dos catadores de recicláveis: considerações sobre um estudo de caso múltiplo em cooperativas na cidade do Rio de Janeiro. **Cadernos Ebape. BR**, v. 7, 2009.

CARVALHO, A. M. R. D. **Cooperativas de Catadores de Materiais Recicláveis de Assis - COOCASSIS: espaço de trabalho e sociabilidade e seus desdobramentos na consciência**. Tese (Doutorado em Psicologia), Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, SP, 2008.

CHAGASTELLES, G. M. M. O trabalho das mulheres do Jequitinhonha: a atividade da cerâmica das viúvas de marido vivo. **História Oral** v. 23, n. 2, p. 13-43, 2020.

FENELON, D. R. Cultura e história social: historiografia e pesquisa. Projeto História: **Revista do Programa de Estudos Pós-Graduados de História**, v.10, 1993.

FIALHO, L. M. F. **A experiência socioeducativa de internação na vida de jovens em conflito com a lei**. Tese (Doutorado em Educação), Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza, p. 359. 2012.

FIALHO, L. M. F. *et al.* O uso da história oral na narrativa da história da educação no Ceará. **Revista Pemo**, Fortaleza, v. 2, n. 1, p. 1-13, 2020.

GALBIATI, A. F. O gerenciamento integrado de resíduos sólidos e a reciclagem. *São Paulo*, 2012.

GONÇALVES, J. A.; OLIVEIRA, F. G. D.; SILVA, D. T. A. D. Dezoito anos catando papel em Belo Horizonte. **Estudos Avançados**, Belo Horizonte, v. 22, n. 63, p. 231-238, mai./ago. 2008.

GONÇALVES, M. A. **O trabalho no lixo**. Tese (Doutorado em Geografia), Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Estadual Paulista – UNESP, 2006.

JACOBI, P. R.; BESEN, G. R. Gestão de resíduos sólidos em São Paulo: desafios da sustentabilidade. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 25, n. 71, p. 135-158, 2011.

JACOBI, P.; TEIXEIRA, M. A. C. Criação do capital social: o caso ASMARE - Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável de Belo Horizonte. **Cadernos Gestão Pública e Cidadania**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 1-51, 1997.

JUNCA, D.C. M. **Mais que sobras e sobrantes: Trajetória de sujeitos no lixo**. Tese (Doutorado em Saúde Pública) da Escola Nacional de Saúde Pública Sérgio Arouca / FIOCRUZ-RJ, 2004.

LEITE, V. J., SILVA, R. M., LIMA, C.F. Experiências de pesquisa com trabalhadoras e trabalhadores por meio de fontes orais na História Social: caminhos e possibilidades. **História Oral**, v. 23, n.2, 2020.

MAGERA, M. Os empresários do lixo: um paradoxo da modernidade. Campinas: Átomo, 2005.

MAGNI, A. A. C.; GÜNTHER, W. M. R. Cooperativas de catadores de materiais recicláveis como alternativa à exclusão social e sua relação com a população de rua. **Saúde Soc.**, São Paulo, v. 23, n. 1, p. 146-156, 2014.

MARTINS, C. H. B. **Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, sócioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento.** Tese (Doutorado em Sociologia), Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, p. 211. 2004.

MEDINA, M. Border scavenging: a case study of aluminum recycling in Laredo, TX and Nuevo Laredo, Mexico. **Resources, Conservation and Recycling** v. 23, n. 3, p. 107-126, 1998.

PERAZZO, P. F. Narrativas Oraís de Histórias de Vida. **Comunicação & Inovação, PPGCOM/USCS**, v. 16, n. 30, p. 121-131, jan./abr. 2015.

RIBEIRO, H.; BESEN, G. R. Panorama da Coleta Seletiva no Brasil: Desafios e Perspectivas a partir de Três Estudos de Caso. **InterfaceHS - Revista de Gestão Integrada em Saúde do Trabalho e Meio Ambiente**, v. 2, n. 4, p. 1-18, 2007.

SOUZA, R. A. D. C. Narrativas oraís como fontes para uma compreensão histórica da experiência vivida. **Revista Maracanan**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 118-129, jul./dez. 2017.

TORRES, H. R. **As organizações dos catadores de material reciclável: inclusão e sustentabilidade: o caso da associação dos catadores de papel, papelão e material reaproveitável, Asmare, em Belo Horizonte, MG.** Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Sustentável), Universidade de Brasília. Brasília, p. 138. 2008.

VELLOSO, M. P. **Criatividade e resíduos resultantes da atividade humana: na produção do lixo à nomeação do resto.** Tese (Doutorado em Saúde Pública), Programa de Pós-Graduação em Saúde Pública da Escola Nacional de Saúde Pública/Fiocruz – RJ, 2004.

VERONESE, M. V. Associativismo entre catadores de material reciclável urbano. Contemporânea – **Revista de Sociologia da UFSCar**. São Carlos, v. 6, n. 1, p. 213-236, 2016.

Referências Oraís

ALVES, Eduardo Francisco [48 anos]. [set. 2021]. Rio de Janeiro, RJ, 08 set. 2021.

ARLINDO, Marco Antônio [42 anos]. [set. 2021]. Rio de Janeiro, RJ, 08 set. 2021.

DAS DORES, Célia Regina [65 anos]. [set. 2021]. Rio de Janeiro, RJ, 08 set. 2021.